
Entre as teorias da informação e da comunicação: Sobre o sentido do corpo humano e do corpo cibernético

Susana Nascimento¹

As expressões ‘informação’ e ‘comunicação’ são utilizadas em praticamente todos os domínios sociais nas sociedades contemporâneas, tornaram-se *buzzwords* no sentido da sua quotidianidade recorrente não só nos meios científicos e das telecomunicações, mas também na realidade social e política. A sua banalização, potenciada em grande parte pelo desenvolvimento dos meios de comunicação no século XX (principalmente imprensa, televisão, telecomunicações e Internet), contribuiu para a diluição destes dois conceitos numa representação comum difusa de total reciprocidade.

Tal como precisa Philippe Breton², o sentido moderno de ‘informação’, definido na Cibernética enquanto símbolos matemáticos que transportam através de meios de comunicação à distância dados/acontecimentos/realidades, consagrou uma assimilação geral do conceito de comunicação à informação, entendidas como inclusivas num modelo universal de acção-reacção. Através de leis matemáticas, os cientistas cibernéticos preconizavam a equivalência de todos os fenómenos, naturais ou artificiais, sob o ponto de vista comportamental, podendo ser assim compreendidos em termos de relações de troca e circulação de informação, o que define por sua vez a noção moderna de comunicação.

A concepção cibernética marcou sem dúvida a definição dos conceitos de informação e de comunicação no interior das teorias sociais, quer num sentido de aproximação, quer num sentido de rejeição. Dada a extensa tradição das teorias da comunicação, pretendo apenas nesta comunicação realizar um pequeno exercício de memória, ao recuperar duas perspectivas de autores portugueses no campo das ciências da comunicação que foram relativamente votadas ao esquecimento, apesar da raridade de obras portuguesas que se debruçam de facto sobre as problemáticas originais da comunicação. Recorrendo às perspectivas de José Manuel Paquete de Oliveira e Adriano Duarte Rodrigues na minha defesa da comunicação como um fenómeno complexo que não se esgota na informação, procuro assim recuperar a distinção original entre informação e comunicação, entre forma e sentido, salientando a concepção segundo a qual a comunicação e a troca simbólica são fundamentos básicos da sociabilidade humana.

Desde logo, Paquete de Oliveira³ explicita uma definição da comunicação como cultura e vice-versa, sendo a comunicação interpretada como um elemento e mecanismo fundamental da ordem social, numa interligação estreita entre os sistemas de comunicação e os sistemas sociais. Consciente das críticas que a sua posição pode suscitar, pode considerar-se Paquete de Oliveira como um autor sincrético, que não privilegia nenhum paradigma ou modelo comunicacional, dada a sua aceção do processo de comunicação massmediático enquanto um sistema interdependente, integrado e complexo.

Assim, por um lado, este autor admite a sua partilha com uma concepção alargada da cibernética e as noções referidas de informação e de comunicação mas, por outro lado, critica o

¹ Licenciada em Sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE); Doutoranda em Sociologia no ISCTE e Doutoranda em Filosofia (*option Anthropologie et Sociologie: Formes de Rationalité*) na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne; Bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) do Ministério da Ciência e do Ensino Superior (MCES).

Sócia APS nº 1844

e-mail: s_nascimento@yahoo.com

² *A Utopia da Comunicação* (1994/1992). Lisboa: Piaget.

³ *Formas de “Censura Oculta” na Imprensa Escrita em Portugal no Pós 25 de Abril* (1988), Dissertação para Tese de Doutoramento em Sociologia – Especialidade de Sociologia da Comunicação, ISCTE.

“linearismo puro e mecanicista” do modelo técnico de Shannon procurando ultrapassá-lo com uma construção antro-po-socio-semiótica do processo comunicativo.

Nesta construção, defende a importância de todos os pólos influentes no processo de comunicação: a realidade semiótica, linguística e pragmática do processo de produção, circulação e consumo de mensagens; o feedback permitido pelo meio de transmissão utilizado; e os quadros de referência cultural comuns aos emissores e aos receptores que constituem os seus esquemas de percepção do real, considerando a cultura como um código, um sistema de comunicação ou uma simbolização da vida social.

Por sua vez, Adriano Duarte Rodrigues⁴ poderá ser tido como um autor predominantemente crítico, encontrando-se na sua definição da comunicação como campo social autónomo emergente na modernidade, uma oposição radical entre informação e comunicação.

Para este autor, a informação deve ser definida como esquema de organização virtual de unidades com vista a transmitir aleatoriamente mensagens, e dentro de uma lógica performativa de natureza pragmática com diferentes graus de imprevisibilidade. Por outra parte, a comunicação deverá compreender processos de transacção entre os indivíduos e a natureza, as instituições sociais e consigo próprios, pressupondo expectativas e sanções no contexto de uma relação institucional simbólica, sendo então concebida a comunicação enquanto experiência que, por uma tradição fenomenológica, encontra uma troca entre os mundos heterogêneos da experiência dos indivíduos, e a conseqüente alteração dos mesmos.

A importância da divergência conceptual encontra-se na centralidade dos conceitos de informação e comunicação nos diagnósticos utópicos de vários autores contemporâneos (formulados no final do século XX e princípio do século XXI): a “ideologia comunicacional” de Adriano Duarte Rodrigues; a “utopia da comunicação” de Philippe Breton e a “utopia ultra-antropológica” de Hermínio Martins⁵. Utilizando o conceito de comunicação num sentido negativo, estes autores revelam o paradigma informacional predominante na 2ª metade do século XX enquanto uma visão essencialmente computacional, informacional e digital do mundo.

Nesta informacionalização universal das técnicas, ciências e humanidades, levada a cabo pela interpenetração das tecnologias de informação entre si e com as ciências físicas, químicas, biológicas, genéticas e robóticas (Martins), o homem e a máquina são concebidos como seres transparentes com estatutos semelhantes, numa apologia do consenso, do progresso sem exclusão, do fim da política e de uma sociedade racional (Breton). Numa formulação semelhante, Duarte Rodrigues procura explicitar a importância das técnicas de informação enquanto dispositivos na emergência da ideologia comunicacional na modernidade, na qual persistem um enciclopedismo logotécnico da cibernética como saber universal que acolhe conhecimentos sobre o mundo técnico, natural e também intersubjectivo, e uma assimilação do mundo natural com o mundo técnico, levando à naturalização deste último, e à conseqüente dificuldade em pensar sobre a técnica no mundo actual.

Focando sobretudo a conceptualização do humano, Philippe Breton e Hermínio Martins retraçam uma linha de pensamento que remonta aos anos 20, mas que se desenvolve sobretudo a partir dos anos 50 com a cibernética, e que se entrevê nas perspectivas actuais das ciências da computação e da inteligência artificial.

Neste início do século XXI, o campo de desenvolvimento tecnocientífico tende a glorificar o pensamento racional comunicante, e a conceptualizar o homem enquanto sujeito essencialmente cognitivo, que encontra a sua razão de ser nas capacidades cognitivas, em particular tecnocientíficas; e cuja finalidade seria a produção e utilização de informação, codificável em termos digitais, com vista ao desenvolvimento de ciberinteligências que serão os nossos anunciados sucessores pós-humanos (Martins). Trata-se da emergência, na segunda

⁴ *Estratégias da Comunicação – Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade* (1997/1990). Lisboa: Editorial Presença (2ª edição).

⁵ “Ciência, Técnica & Utopia”, *Revista Ler – Livros & Leitores*, Fundação Círculo de Leitores, Inverno 2000, nº48 – *Dossier: as utopias do novo século*.

metade do século XX, de um “Homo communicans”, um ser informacional que dispensa o corpo biológico, encarado apenas enquanto suporte fisicamente frágil e intelectualmente falível, que detém o mesmo estatuto antropológico que outros seres comunicantes, principalmente artificiais, um “*ser sem*

interioridade e sem corpo, que vive numa sociedade sem segredos, um ser por inteiro voltado para o social, que não existe se não através da informação e da permuta” (Breton).

Com efeito, nos projectos e as agendas científicas de Inteligência e de Vida Artificial, o sentido complexo da comunicação humana que se exprime no corpo e nos seus sentidos perde-se assim na formulação de modelos informacionais e mecanicistas de compreensão do homem e do mundo, que servirão de base para a construção de dispositivos artificiais mimetizadores. Reconhece-se, não obstante, uma evolução das perspectivas mais ‘clássicas’ da IA que apelavam sobretudo às capacidades mentais dos seres informacionais (subestimando os corpos físicos dos objectos) para as visões mais recentes com o seu enfoque biológico nos modelos orgânicos mentais e sensoriais - as criaturas artificiais são concebidas com sistemas sensoriais e nervosos, mas também com uma flexibilidade e adaptação ao meio envolvente, através da capacidade de aprendizagem sobre as experiências vividas, ampliadas em redes de computadores. Porém, pretendo reflectir criticamente sobre estas perspectivas no que respeita à sua conceptualização de ‘comunicação’ e de ‘corpo’, que parecem continuar a reenviar a modelos psicológicos e mecânicos sem uma atenção necessária ao sentido da interacção e da experiência humana simbólica.

Em síntese, sobretudo desde a segunda metade do século XX, o conceito de comunicação tende a ser reduzida à sua forma, isto é, a uma sua concepção de mera transmissão de informação numa rede de emissores e receptores. Esta preponderância da dimensão técnica do “acto comunicativo” presente nas técnicas de informação, não tem apenas repercussões no tipo de comunicação actual, que uns e outros podem considerar mais mediatizada, automática e unidireccional, mas apresenta também uma dimensão mais aprofundada pela unificação que realiza do conhecimento científico sobre o mundo do homem, da Natureza e das máquinas.

Perante a predominância desta concepção linear, pretendo conceptualizar a experiência comunicacional como um processo de interacção entre sujeitos racionais e livres, pertencentes a um mesmo mundo cultural e um processo bidireccional e previsível com princípios de natureza simbólica que alimentam a sociabilidade e geram laços sociais. Neste contexto, mesmo com as possibilidades actuais de comunicação multisensorial e multimediática, dentro de uma perspectiva que penso poder caracterizar como humanista, Paquete de Oliveira avança com um dos pólos de possível aprofundamento: “*Antes de qualquer máquina, o ser humano foi e é o único organismo capaz de utilizar os modos de comunicação analógica e digital, num processo que se desenvolve sempre adentro de um contexto que é o teatro de uma interacção, cujo suporte é a relação entre os sujeitos.*”.